

SEMANTICA

I

Semantica é o estudo do *sentido* e de suas variações no curso dos tempos. O *sentido* do vocabulo progride e altera-se do mesmo modo que os seus elementos phoneticos, e essas alterações fazem-se segundo tendencias ainda pouco estudadas, mas ao certo bem apreciaveis. (1)

No que respeita ao dominio literario, ha as *alterações eruditas* effectuadas pelos grandes escriptores para realizar certos efeitos de estylo; essas alterações já se achavam estudadas sob o nome de *tropos e figuras* pelos grammaticos e rhetores da antiguidade. Assim, o sentido do vocabulo podia augmentar-se, contrair-se, ou inverter-se a *parte pelo todo* ou o *todo pela parte*, o *possuidor pelo objecto possuido*, etc. Esses processos literarios já eram exemplificados na linguagem popular que se compõe de tropos e imagens.

A expressão *semasiologia* é criação de Reisig e data de 1839; posteriormente o termo *semantica* foi sendo usado parallelamente ao primeiro. Sobre esses assumptos os estudos que existem são fragmentarios e não dão materia sufficiente para synthese definitiva.

Comquanto nova, a *semantica* é por sua natureza antiga. Em outro tempo era a consideração do *sentido* do vocabulo

(1) Adoptamos a denominação de *Semantica* ou *Semasiologia* por isso mesmo que estão vulgarizadas mas reconhecemos que não expressam exactamente o seu objecto que é o das transformações do sentido dos vocabulos.

Para fixação do seu objectivo leia-se o capitulo *Changes of meaning* do livro de Henry Bradley — *The making of English*, pgs. 160-214.

a fonte de *etymologias*, o que dava logar a erros deploraveis. Depois, a *phonctica* estabeleceu regras da derivação normal, mas seria, frequentes vezes, como observa Schuchardt, incapaz de resolver os seus problemas, sem o auxilio da historia, isto é, do sentido e variações de sentido das palavras.

São varias as theorias e systemas de explicação da variabilidade do sentido das palavras. Tantos são os systemas quantos os autores que se têm occupado do assumpto.

Pensa Whitney que todas as variações de significado explicam-se, em ultima analyse, por dous processos antitheticos.

1. *Especialização das idéas geraes*. Um termo geral passa a ter uma accepção restricta. Exemplo: *stella* (estrella) já não se applica aos planetas e seus satellites e asteriscos. Em *homo* (homem) a tendencia é limitar o vocabulo ao sexo masculino, ao *varão*.

2. *Generalização das idéas especiaes*. Este processo opposto é tambem muito frequente. *Perna* (perna de porco) é hoje de todos os mammiferos e até de aves e insectos. *Rostro* (bico de ave ou de náó) generalizou-se, e sob a fórma *rosto* applica-se á face humana. A palavra *sol* ou *soes* generalizou-se para todas as estrellas chamadas fixas.

As duas categorias de Whitney são demasiado largas e por isso mesmo obscuras. E' difficil incluir nellas grande numero de variações que se não caracterizam pela *especialização*, nem pela *generalização*; por ex.: a variação do concreto para o abstracto (*ligare* e *religio*), etc.

Pott no seu *Wurzel-Wörterbuch* indicou sete classes de mudanças de sentido. E aqui damos, segundo Reinach, um resumo:

1. Extensão ou restricção do sentido (*halogon* em grego moderno=cavallo; *emere*, primit. tomar=comprar, em latim classico).

2. Metaphora. Preposições de *logar* que se tomam pelas de *tempo*. V. gr.: *em* Roma; *em* vinte dias.

3. Applicação simultanea de um termo ao bem e mal, a pessoa e cousa. Exemplos: *imbecillus*; ingl. *silly*; latim, *fortuna*.

4. Emprego das palavras, activa ou passivamente, como sujeitos ou objectos: *Dea veneranda, venerandus deam.*

5. Expressão de uma só idéa por palavras simples ou compostas.

6. Emprego da mesma palavra com sentidos diversos.

7. Palavras que se perdendo necessitam a introdução de outras. Introdução de palavras estranhas modificando o sentido de palavras indígenas. Exemplo: as fórmulas divergentes.

Pelo que acima acaba de ser exposto, vê-se que a classificação de Pott, feita accidentalmente no seu livro, está longe de constituir uma historia geral da *Semantica*. Mais completa e individuada é a de Whitney, porém menos pratica que ella, e ambas são, ao certo, assaz deficientes.

Bréal pensa que nesta materia os phenomenos principaes podem reduzir-se a cinco, da seguinte maneira:

I. O sentido material torna-se moral. *Insultare* (saltar sobre) de offensa material ganhou o sentido de offensa moral, e por palavras. Cf. os sentidos novos de *queimar, liquidar, quebrar* (fallir), etc.

II. O sentido abstracto torna-se concreto. Exemplo: *gelosia, bellezas* (disposição do cabello).

III. O sentido geral torna-se restricto. Exemplo: no latim *aquor* (superficie plana) significa *mar*. Outros: *céo* da bocca, *véo* do paladar; *coma*, por cabelleira.

IV. O sentido restricto torna-se geral ou se desenvolve. Exemplos: *cabeça*, por individuo; *fogo*, por casas; *almas*, por habitantes. *Ouro*, em vez de riqueza em qualquer especie.

V. A palavra muda de classe ou de categoria. Exemplos: os diminutivos *abelha, rolha, ovelha*, que são positivos. Os comparativos *prior, mestre* (magister), etc., que são igualmente positivos. Os adjectivos que passam a substantivos: *justo, pobre*, etc.

Todas as classificações semanticas são imperfeitas porque a evolução do vocabulo póde participar simultaneamente de duas ou mais categorias e classes estabelecidas, tal é o numero e complexidade do thesouro vocabular.

Tambem é necessario não esquecer a *comparação* entre as linguas antigas e modernas, a *cultur-historia*, a *ethno-*

graphia e *folk lore* que explicam numerosos factos da especie e influem na formação e aquisição de sentidos novos.

Não temos em lingua portugueza senão observações fragmentarias. (1)

II

Como illustração a este capitulo da *Semantica*, aqui incluímos algumas reflexões que, ha tempos, nos enviara o nosso antigo collaborador, Firmino Costa:

“Poderá servir de subsidio para o estudo da semantica o exame dos seguintes termos. A palavra *proeza* perdeu o sentido appreciativo, que outrora possuia, e hoje não se pôde usar como nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*, 421: “Assi nós não podemos deixar de louvar os Santos, e sermos admiradores de suas *proezas*”. E ainda em Manoel Bernardes, *Estimulo Pratico*, 120: “Os mysterios da vida de Christo e de sua Mãe Santissima, e as *proezas* dos Santos”.

“*Tratante*, que se tornou pejorativo, era em outros tempos synonymo de commerciante: “Todo o mercador, ou *tratante*, que anda mettido em algum negocio de fazenda, vae ao encerramento das contas, etc.”. M. Bernardes, *Os ultimos fins*, 87. Note-se que não tem sentido depreciativo o composto *contratante*.

“*Manha*, que-se toma hoje á má parte, significava habilitade ou prenda, conforme se vê em Garcia de Rezende, *Liv. Classica*, 218: “A cobiça bem lembrada, Nobreza bem esquecida, *Manhas* não valeram nada, Devoção desbaratada”.

“Não evitou Diogo Fernandes, *Arte de caça*, pag. 43, servir-se da palavra *pessoa* com referencia á ave: “O que purgar a ave considere a *pessoa* della”. Não menos curioso é o emprego de *pessoa* neste exemplo de Fr. Luis de Sousa, *Vida de D. Frei Bartholomeu*, I, 88: “Apresentou-se um dia diante della um homem *de boa pessoa* e bem entrajado”. Hoje se diz *homem apessoado* ou antes *bem apessoado*.

“O termo *retrato* se acha empregado de modo improprio para o nosso tempo nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*,

(1) Proponho-me, se tiver tempo, escrever sobre o assumpto um breve livro de vulgarização o que suppunho ter conseguido com as *Curiosidades verbaes* até certo ponto.

300: "E os retratos das batalhas que se deram naquella guerra".

"O adjectivo *insigne* hoje em dia serve de qualificar palavras de elevada significação, ao envez destes usos de Bernardes: "Entre dous *insignes* malfeteiros". *Luz e Calor*, 539. "Tanto que os sentiam pelo faro (que é *insigne* no Brasil a espezteza deste sentido". *Os ultimos fins*, 28).

"*Quantia* é vocabulo, cujo significado tende a especialisar-se a alguma somma de dinheiro. Frases, como "quantia de meia noz", da *Arte de caça*, 54, já quasi não se ouvem entre o povo.

Hospicio passou a ser hospital de alienados, tornando-se obsoleto nas outras accepções. Nos *Lusiadas*, canto X, 96, ainda se encontra aquella palavra significando hospedagem: "onde te deu Melinde *hospicio* gazaloso e caro".

"*Historico*, presentemente empregado apenas como adjectivo, se acha como synonymo de historiador em Arraiz, *ob. cit.* 286: "Quanto ao nascimento deste Henrique não concordam os *historicos*".

"Actualmente se emprega o qualificativo *enxuto* com respeito ao gado bovino para dizer que a rez está meio gorda ou *lisa*. Neste sentido se encontra o mesmo adjectivo referindo-se á pessoa: "Este tal mantimento faz os homens *enxutos*, rijos, de gentil aspecto". Amador Arraiz, *ob. cit.* 51.

"*Terceira*, que desceu á accepção de alcoviteira, era tida em bom sentido, segundo se vê do *Casamento perfeito*, pag. 300: "E a opinião da mesma virtude é grande *terceira* de amizades".

"Parece-me que *ponto* significa minuto neste passo de Amador Arraiz. *ob. cit.*, 393: "Que razão darei dos annos, mezes, dias, horas e *pontos* da minha vida"? Como vestigio dessa accepção de *ponto*, ahí temos o derivado *ponteiro*, que marca *pontos* ou *minutos* no relógio. O referido Arraiz, na mesma obra, pag. 746, assim se exprime: "No *ponto* da *meia-noite* vem um novo resplendor". Hoje dizemos á *meia-noite em ponto*, ao *meio-dia em ponto*. Cabe aqui lembrar que em alguns logares do sul do Brasil usam da expressão *meia-tarde*, conforme se vê do seguinte trecho de Virgilio Varzea, *Mares e Campos*, 129: "A gente das proximidades, essa, desde *meia-tarde*, a bem dizer, *enxameava* a casa".

"*Mulato* antigamente queria dizer mulo: "Porque o *mulato* depois que se farta do leite da mãe, tira-lhe couces".

Hector Pinto, *Imagem da vida christã*, II, 346. "Um deste endividados não trata só de viver elle, e seus filhos: sinão elle, e os seus *mulatos*, os seus cães, os seus cavallos, os seus passaros". Bernardes, *Estimulo Pratico*, 170.

"Para indicar cada uma das camadas de tinta, que se dá em algum lugar, usamos da palavra *mão*, e menos vezes do vocabulo *demão*. Assim, dizemos *esta parede já levou duas mãos de tinta*. Para este fim empregava-se antigamente o substantivo *capa*, conforme se encontra na *Direcção para os Exercícios*, do padre Manoel Bernardes, pg. 454: "Ou como pintor, que lança segunda *capa* de tinta sobre a primeira, para que a obra fique de maior dura".

"De *convite*, na accepção de banquete, aqui se offerem os seguintes exemplos: Ensinou aos Lusitanos fazer cerveja de cevada que antigamente se bebia nos *convites*". Arraiz, *Dialogos*, 254. "Evite a pessoa quanto fôr possível ir a *convites*; porque nestas solemnidades rijas do Deus Ventre, padece grandes dispendios, ou ao menos perigos, a Castidade, e Pudicicia". Bernardes, *Armas da Castidade*, 363. (1)

"Archaizou-se o adjectivo *manho*, grande, empregado ainda por Hector Pinto, *ob. cit.*, II, 134: "O *manho* Alexandre". Delle subsiste, porém, o composto *tamanho*, tendo-se perdido o composto *quamanho*.

"*Lapso* é hoje desusado como adjectivo, ao passo que seu composto *relapso* não caiu no esquecimento. Uso do primeiro se apresenta na pag. 310 da obra *Luz e Calor*, de Bernardes: "Natureza *lapsa*".

"Em o mesmo classico, *Armas da Castidade*, pag. 384, apparece o adjectivo *leso*: "Quem é *leso* de um pé, estriba sobre o bordão". Tal adjectivo, póde-se dizer, tornou-se archaico, menos como verbo componente da expressão *crime de lesa-majestade* e de outras mais. O composto *illeso* é todavia muito usado.

É de uso geral a palavra *guisado* como denominação de certa iguaria, enquanto o verbo *guisar* raras vezes se ouve. Nestê logar Diogo de Paiva, *ob. cit.*, 44, elle se nos depara: "Tinha-lhe a Rainha mandado *guisar* uma tão refinada peçonha".

(1) Temos, todavia *conviva* para o que faz parte do *convite* ou *banquete*.

"Cabeça era o mesmo que capital, cidade onde está sede do governo; "Caragoça cabeça do Reino de Aragão". *Vida do Arcebispo*, I, 370. Ainda hoje costumam dizer *cabeça da comarca* por *sede da comarca*.

"Rematando o presente artigo, transcrevo os seguintes dizeres classicos, que se têm obliterado e que talvez conviesse imitar com certo commedimento: "Se o amor da amizade não faz estremos, não ha que fiar delle". Arraiz, *Dialogos*, 4. "Alvorogava-se para o remate da vida com jubilos de prazer". Bernardes, *Exercicios Espirituaes*, I, 149. "Deus Nosso Senhor costuma castigar os orgulhos da soberba com quedas da lu-uária". Bernardes, *Estimulo Pratico*, 66". (1)

(1) Recommendamos, além do livro classico de M. Breal, as obras accessiveis á leitura elementar: Marty-Spranchphilos, *Darmsterter-La vie des mots*. Erdmann-die Bedeutung des Wortes, e o livro de vulgarização de Margarete Hamburger — *Vom Organismes der Sprache* (1920).

Do interesse, E. Weekley — *The romance of words*, 4 ed. 1922.



APPENDICE

A PONTUAÇÃO



ACCENTOS GRAPHICOS E PONTUAÇÃO

I

Signaes diacriticos

Notações lexicás são os signaes que indicam os diversos valores phoneticos de qualquer letra.

As mais importantes são:

O til (˘) que indica o som nasal: *irmão*, *coração*. O til pôde ser substituído por *m* ou *n*, em alguns casos: *irman*. Em portuguez, o til só se emprega, para indicar a nasalidade das letras *a* e *o*, nas abreviaturas e nas terminações dos vocabulos.

Nas abreviaturas é já pouco usado: *Sñr*, *Glz^a* (Gonçalves) e *q̃* = *que*, nos manuscriptos. São vestígios archaicos que tendem a desaparecer.

O accento agudo (´) serve para indicar os sons intensos: *espé*, *mó*.

O accento *agudo* muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocabulos: *bota* (subs.) e *bóta* (verbo). Em *pégada*, que se pronuncia *pegáda*, para designar o elemento de composição *pé*. Em *prégar* (*prædicare*), *córar*.

O accento circumflexo (^) serve para indicar os sons graves: *dôr*, *mercê*. Sempre usado com a letra final *ê*, já se usa muito pouco sobre a vogal *o*: *flor*, *dor*, *amor*, que é da escripta usual.

A cedilha (,) serve para indicar o som brando do *c* antes de *a*, *o*, *u*: *caça*, *poço*, *açude*.

A cedilha (*zediglia*), como o nome indica, era um pequeno *z*, que no italiano e francez antigo exercia função identica: *faczon, leczon* = *façon, leçon*.

A cedilha desapareceu totalmente do *c* inicial: çanefa, çapato, hoje sanefa, sapato.

II

Pontuação (notações syntacticas). Emprego das letras maiusculas

Notações syntacticas são os signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do discurso escripto. (1)

Estas notações são determinadas pelo sentido e pela necessidade de respirar, como diz Rœrsch. Por isso, estão um pouco ao arbitrio do escriptor, e nem se submettem a regras rigorosas, a não ser em alguns casos.

Entre as notações syntacticas convém distinguir tres classes: uma constituida pelos signaes proprios da pontuação, e que determinam as divisões da parte do discurso: a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto e a alinea*. A segunda classe abrange os signaes que exprimem commoção, ou um movimento d'alma, e são os *pontos de reticencia*, o *ponto interrogativo* e o *exclamativo*. A terceira classe é constituida por signaes destinados á clareza dos manuscritos; taes são o *hyphen*, as *aspas*, o *parenthese*, o *grypho*, etc.

PRIMEIRA CLASSE

A *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea* são signaes da mesma familia e correspondem na leitura a repousos progressivamente mais demorados.

Virgula — Serve para separar os termos de uma serie, ainda quando são ligados por conjuncção, excepto e:

Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.

(1) Esta lição foi escripta (exceptuando o commentario historico), segundo a *Gramm.* de Delbœuf e Rœrsch. (141-148).

Serve para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso:

O poder que tem o rei de dissolver o Parlamento, é poucas vezes applicado.

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico podem ser separados os complementos não essenciaes:

O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de agosto de 1850, em uma terça-feira.

— Emprega-se a virgula nas inversões:

*Dos homens de má fé, não quero occupar-me.
Das ruinas de Herculanium, a mais notavel é o templo de Jupiter.*

— Emprega-se a virgula, quando a proposição é elliptica:

A verdade é clara; a mentira escura.

-- Collocam-se entre duas virgulas a apostrophe, a invocação e as incidentes absolutas:

*Tu, ó Catilina, conjuraste...
Vinde, Senhor, soccorrer aos pobres.
A vida, disse Bias, é um fardo.*

— As proposições incidentes ou intercaladas ficam entre virgulas quando são *explicativas*, mas levam apenas uma virgula no fim, quando são *restrictivas*:

*Napoleão, o primeiro, venceu a Europa.
O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.*

Exemplos do segundo caso:

*O maior segredo que me disseres, será fielmente guardado.
O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

Tambem não é regra que se tenha seguido com rigor.

E' costume empregar, entre virgulas, as expressões: todavia, comtudo, pois, porém:

Era, pois, um verdadeiro poeta.

Emprega-se com palavras repetidas ou em invocação:

- Não, não, respondeu elle.
- Vaidade, tola vaidade, é o que é.
- Deus, ó Deus, onde estás que não respondes ?

A *virgula* corresponde á denominação *comma*, que se encontra nos velhos grammaticos portuguezes Nunes de Lião e outros. O termo *comma* denota a fracção de tom vocal, cujo symbolo material é a virgula; este vocabulo ainda subsiste na arte musical, em relação ás variações intertonicas da voz humana ou dos instrumentos de corda. A *virgula*, desconhecida dos gregos e dos romanos, generalizou-se do seculo VI em diante, e, na escripta, tomava fórmãs e posições diversas. No Virgilio de Medicis (manuscripto do seculo V) encontra-se a virgula esporadicamente com a função do ponto final.

Ponto e virgula. — O ponto e virgula, como a virgula, serve para marcar series de series e opposição de idéas:

Amor, indifferença, odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.

A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

— Serve o ponto e virgula para separar proposições coordenadas extensas:

O jornal é um producto da civilização moderna; dá as noticias de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.

Dons pontos. — Empregam-se antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento:

As virtudes theologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.

Ponto final ou ponto. — Emprega-se no fim do periodo, para indicar o sentido concluido.

O ponto era o elemento exclusivo da pontuação grega. Na declamação, os gregos distinguiram a pausa pequena (*comma*) e pausa grande (*colon*). O ponto indicava essas pausas, collocado em baixo (*comma*) ou a meia altura dos caracteres (*colon*). O ponto no alto da linha denotava interrupção ou sentido completo, tendo a função do nosso *ponto final*. Até o seculo XVII sempre se usou do ponto depois dos numeraes, e assim se escrevia: "A semana tem VII. dias; o mez tem 30. dias". Note-se que este uso só era permittido quando os numeraes eram expressos por symbolos arabicos e romanos, e não por palavras.

Em Camões, Vieira e em todos os classicos tanto vale usar os *dois pontos* como o *ponto e virgula*. A disciplina da pontuação deriva do influxo da literatura franceza, parece-nos.

Alinea. — Emprega-se para distinguir os diversos grupos de idéas do assumpto. Consiste em mudar a escripta para linhas novas quando os factos são distinctos:

Trataremos de tres estudos:

1. Da psychologia.
2. Da logica.
3. Da moral.

A palavra *alinea* deriva-se do latim *a+linea*, isto é, *passa a outra linha*. Impropriamente tem sido varias vezes denominada *paragrapho*, cujo symbolo é §, e indicava quota á margem.

O *paragrapho*, muito commum nos manuscriptos e impressos antigos, hoje apenas se usa na redacção de leis ou é notificado por algarismos no texto dos impressos.

SEGUNDA E TERCEIRA CLASSES

A' *segunda classe* pertencem os signaes que exprimem não só pausa, mas um movimento da alma.

Reticencias. — Empregam-se quando o pensamento interrompido em meio da phrase:

Mas morra enfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... E n'isto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes.

Ponto interrogativo. — Colloca-se no fim de uma interrogação (excepto no discurso indirecto):

Queres ir ?

"Perguntado *quem era*, respondeu que era o prelado."

Ponto admirativo. — Colloca-se no fim de uma exclamação:

O' gloria de mandar! ó vã cobiça

D'esta vaidade a quem chamamos fama!

Ambos os pontos, de interrogação e exclamação, costumavam vir invertidos no começo da phrase, nos livros antigos:

¿ Que cousa é a gloria ?

Este uso ainda persiste no castelhano e serve para dar o tom da declamação na leitura.

Hyphen. — E' um traço horizontal, empregado para separar syllabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras:

A-mi-za-de

Contra-mestre

Dir-te-ei.

A velhice — periodo de desengano — tem a sabedoria da experiencia.

Serve com maiores dimensões para indicar a phrase de um interlocutor:

— *Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

Parenthese. — Tem por fim separar uma proposição intercalada que não mantem relações syntacticas com a phrase:

Eu só com meus vassallos e com esta

(E dizendo isto arranca meia espada)

Defenderei da força dura e infesta

A terra nunca d'outrem sojugada.

Aspas. — Servem para indicar um trecho citado, quando é textual:

Os *Lusitadas* começam por este verso:

“As armas e os barões assignalados”

O *grypho* ou *italico* (nos manuscritos, palavras sublinhadas) consiste na diversidade da letra para o fim de distinguir qualquer expressão ou indicar um estrangeirismo:

- Estou lendo o *Genio do Christianismo*.
- Jogavam o *foot-ball*.
- Isto é o *nec plus ultra*.

Historia. — A pontuação dos documentos da antiguidade é deficiente e obscura, pelo pouco que se pôde concluir das inscripções mais completas. Sabe-se que o ponto (*colon*) era indicado em baixo ou em cima e ainda no meio da lingua graphica, para indicar repousos diversos. O mesmo succedia com o *comma* (virgula); depois vieram as combinações d'estes signaes: *dous pontos, ponto e virgula*. Nos modernos textos gregos o *ponto e virgula* substitue o ponto interrogativo. A combinação *duas virgulas* desappareceu.

Entre os gregos, o *hyphen* consistia em uma figura semelhante a pequeno arco de circulo, posto acima e no fim da palavra para indicar estreita ligação com o vocabulo seguinte:

Na divisão das palavras, um grammatico do seculo XVI (Nunez de Lião) ordena que as *consoantes compatíveis de se ajuntarem* devem ser postas na syllaba seguinte: *ho-spede, ca-sto*, etc.

A divisão das palavras torna-se complicado estudo quando se attende a fórmãs de origem estranha, para a divisão das quaes melhor fóra não cogitar da *etymologia* e sim da pronuncia. Máo effeito produzem as divisões, aliás correctas: *hip-her, ap-helio* (grego). Damos, todavia, aqui uma pequena lista de divisões de palavras estrangeiras, que não são para ser seguidas, mas não têm, não obstante, a vantagem de recordar a etymologia dos vocabulos:

Elemento grego:

Phil-adelpho.
Phil-adelphia.
Mete-oro.

Cir-urgia.
Dramat-urgo.
Phil-armonica.

Arch-anjo.	Ap-helio.
Ev-angelhos.	Ep-hemero.
Syn-agma.	Per-helio.
Dem-ago.	Eph-merides.
Ped-ago.	Ec-lipse.
Nevr-algia.	Palin-odia.
Mis-anthropo.	Rhaps-odia.
Log-arithmo.	An-onymo.
My-ope.	Syn-onymo.
Aut-opsia.	Patr-onymico.
Cycl-ope.	Aero-stato.
Syn-optico.	Apo-stata.
Tele-scopio.	Systema.

Peri-stylo, etc.

Elemento germanico:

Land-grave.	Esping-arda.
Lans-quené.	Thal-weg.
Skat-ing.	Guind-aste.
Cant-erbury.	Tram-way, etc.

Elemento americano (tupí):

Aba-eté.
Man-iba.
Bara-una.
Parahyb-una.

Ninguém segue esse systema de divisão etymologica.

Nos outros tempos era a pontuação imperfeitissima quasi só consistia em um unico elemento: o *ponto*. A escripturação nos manuscriptos e a gravura das taboas e inscripções não deixavam em geral intervallos entre as palavras.

Entretanto, já os gregos usavam a separação das phrases, escrevendo-as uma em cada linha, á maneira de versiculos (*stichos*).

Este systema foi adoptado por S. Jeronymo na traducção grega da Biblia, que ainda hoje conserva os antigos versiculos. Os etruscos separavam as palavras por um ponto; os romanos, por dois e frequentemente por tres, segundo o methodo dos gregos. Mas o uso de separar as palavras, como

actualmente se faz, por intervallos em branco, sómente se verifica nos manuscritos posteriores ao seculo XII. (1)

A pontuação definiu-se e tornou-se positiva com a invenção da imprensa e com os progressos da arte de imprimir. Foi um impressor (*Guillemin*) que inventou os symbolos conhecidos pelo nome de *aspas* (*Guillemets*, fr.). Outros impressores crearam o *grypho* ou *italico*, e a diversidade de caracteres que auxiliam a clareza do discurso.

Toda a pontuação da lingua vernacula, segundo o testemunho de Barros, no seculo XVI, consistia no uso de signaes de denominações erroneas: *comma* (dous pontos), *colo* (ponto), *vergas* e *virgulas*.

O uso do *apostropho*, que D. Nunez de Lião só justificava pela *synalepha*, nem sempre foi observado. Os quinhentistas escreviam *Pedrafonso*, *Daguiar*, em vez de *Pedr'Affonso*, *d'Aguiar*.

III. — DO MAIUSCULO

O maiusculo emprega-se no começo do periodo e em começo de phrase que se segue a um ponto:

A luz vem do sol. O sol é uma estrella fixa.

O maiusculo emprega-se com os nomes proprios, nomes de titulos nobiliarchicos, de obras literarias, de mezes, de cousas personificadas, de adjectivos consagrados aos deuses e aos reis:

Manoel
O Conde de Porto Alegre
Os Lusíadas
em Agosto
a Iaveja, a Arte
Rainha Fidelissima.

As composições artisticas de qualquer especie levam o maiusculo:

Leia a Cigarra e a Formiga.
Já viu a Primeira Missa no Brasil?

(1) Natalis — *Palcographia*.

Quando os nomes próprios são compostos de nome *commun* e de adjectivo, é o adjectivo que toma o maiusculo:

a rua *Larga*
o mar *Vermelho*
o lago *Asphaltite*
o monte *Branco*.

A's vezes o nome *commun* tem valor de próprio, e, neste caso, traz sempre o maiusculo inicial:

o *Reino Unido*
os *Estados-Unidos*.

Emprega-se a inicial maiuscula no principio dos versos:

As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana, etc.

Os espanhões não estão por esta regra, e, entre portuguezes, Castilho, Th. Ribeiro e outros adoptaram o systema castelhano, isto é, de só empregar o maiusculo como na prosa.

Os antigos não conheciam caracteres *minusculos*, e nos manuscritos de maior antiguidade até os seculos V e VI só occorrem as letras maiusculas. O habito crescente e cada vez mais disseminado de manuscreever foi que originou o *minusculo*. As pennas dos amanuenses difficilmente sujeitavam-se aos contornos angulares do *maiusculo*, e insensivelmente foram substituindo-os pelas ligações curvilineas que caracterizam o *minusculo*.

Os caracteres gothicos (ulphilianos) perduraram na Espanha até o Concilio de Leão, no qual o cardeal Raynel propoz a adopção dos caracteres italianos, já vulgarizados em França. D'ahi data a decadencia e consequente desaparição da escriptura gothica em toda a peninsula iberica..

- No antigo portuguez, na mesma época classica, os collectivos em geral começavam por letras maiusculas: o *Reyno*, o *Tribunal*, etc., e assim tambem se escreviam com maiuscula os nomes dos mezes (Junho, Agosto) e os nomes gentilios, os *Francczes*, os *Italianos*, conforme ainda é uso na lingua ingleza.